

RAS prepara novas agressões

● Ministério da Informação emite comunicado

O Ministério da Informação da República Popular de Moçambique emitiu na passada sexta-feira, dia 8, um comunicado no qual denuncia o lançamento, por parte do regime do «apartheid», de uma campanha tendente a desvirtuar o sentido autêntico da luta que o Povo sul-africano trava no interior do país pelo estabelecimento de uma sociedade mais justa, baseada na igualdade de todos os cidadãos. Simultaneamente, o comunicado faz luz sobre a propaganda que tem vindo a ser lançada, prenúncio da criação de um clima propício a uma nova fase de agressões regionais. O comunicado diz, integralmente:

No dia 5 de Novembro de 1985, a televisão sul-africana, órgão oficial do Governo da República da África do Sul, apresentou, no seu serviço informativo das 20.00 horas, um programa, no qual se dizia haver uma escalada armamentista na República Popular de Moçambique e República Popular de Angola, escalada essa apresentada como uma ameaça para a África do Sul.

O programa, no qual participou o Comandante da Força Aérea sul-africana, afirmava que Moçambique e Angola tinham atingido uma supremacia militar sobre a República da África do Sul. A linha de orientação do programa era a de que a África do

Sul se deve defender de uma «ameaça soviética» exercida através de Moçambique e Angola.

Este programa insere-se num conjunto de acções informativas análogas, que indicam claramente a existência de uma campanha de propaganda tendente a criar um clima psicológico propício a uma nova fase de agressões regionais.

O Ministério da Informação da República Popular de Moçambique chama a atenção da opinião pública para o facto de, no passado, campanhas desta natureza terem antecedido actos de agressão contra os países da região.

O Ministério da Informação nega

categoricamente que haja qualquer «escalada armamentista» na República Popular de Moçambique e reafirma que o aparelho de defesa da República Popular de Moçambique é composto por armas não-ofensivas, que visam exclusivamente a defesa da independência, da soberania, da integridade territorial e a manutenção da Paz no País.

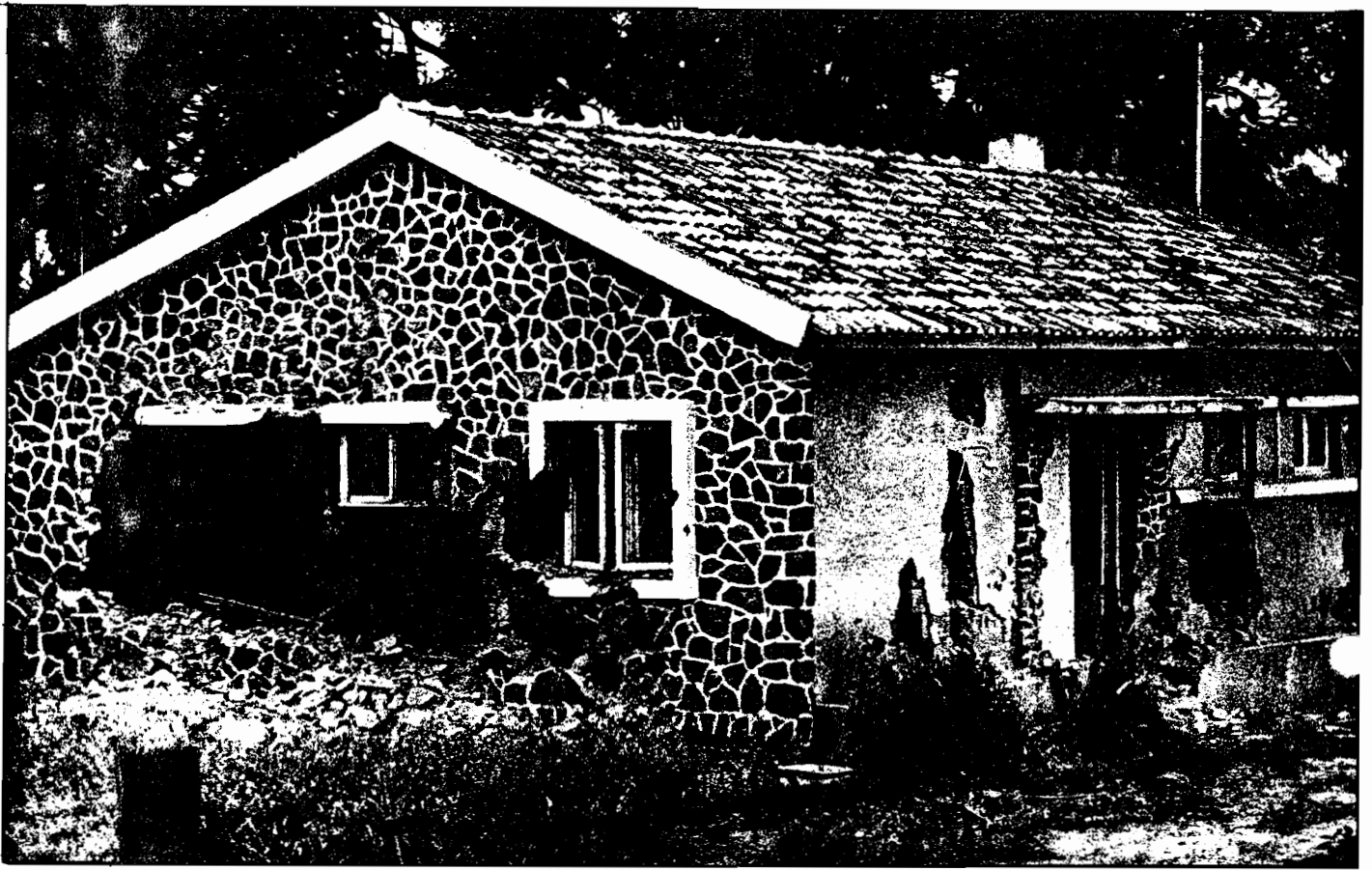
Este facto é hoje reconhecido por todos os países do mundo. Países da OTAN, cientes disto têm-se mostrado disponíveis a estudar e a desenvolver formas de cooperação no domínio militar com a RPM.

A Comunidade Internacional aplaudiu o Acordo de Nkomati como um passo fundamental para a criação de um clima de Paz na região da África Austral.

O não cumprimento pela República da África do Sul deste Acordo é indicativo das intenções do regime sul-africano em relação ao problema da estabilidade regional e ao respeito que lhe merecessem os instrumentos do Direito Internacional.

A luz desta realidade, uma campanha como a que está em curso na informação oficial sul-africana constitui uma ameaça aos povos da região e um perigo para a Paz e Segurança mundiais.

Esta campanha insere-se nas tentativas desesperadas do regime sul-africano de proteger, através da agressão directa, os seus instrumentos privilegiados de desestabilização de



«O Ministério da Informação da República Popular de Moçambique chama a atenção da opinião pública para o facto de, no passado, campanhas desta natureza terem antecedido actos de agressão contra os países da região»

Moçambique e Angola, que são os bandidos armados, os quais, nos últimos meses, têm vindo a sofrer pesadas derrotas militares.

É neste contexto que se insere a recente escalada das acções de desestabilização contra a República Popular de Moçambique através de violações sistemáticas das fronteiras por aviões e por helicópteros, com particular incidência na Província do Maputo, que transportam armas e grupos treinados na África do Sul para praticar actos de terrorismo em Moçambique.

O Ministério da Informação alerta para o facto de que a campanha política e psicológica levada a cabo pela informação oficial sul-africana se baseia nas argumentações da teoria do «assalto total» com que, antes do Acordo de Nkomati, o regime de Pretória justificava interna e externamente, o seu belicismo regional. A teoria do «assalto total» procurava fazer crer que as causas da instabilidade regional residiam numa ameaça externa à nação sul-africana e não na própria existência do «apartheid».

Deste modo, a República da África do Sul, promovendo uma interpretação da instabilidade na África Austral como inserida no conflito Leste-Oeste, procurou mobilizar o apoio dos países ocidentais. Tal manipulação política tinha o duplo objectivo de apresentar o regime do «apartheid» como representante na zona dos interesses ocidentais e transmitir, dos países independentes vizinhos, uma imagem de países que tinham alienado a sua soberania. É o apoio ocidental, que a crescente clarificação da verdadeira natureza do conflito nesta região tem vindo sucessivamente a diminuir, que o regime de Pretória pretende remobilizar com a presente campanha.

Todos quantos conhecem Moçambique e os moçambicanos sabem do amor do Povo moçambicano pela independência e dos sacrifícios imensos que aceitou e aceita para continuar senhor dos seus destinos.

O Ministério da Informação denuncia esta manobra, já falhada no passado, que tende a, mais uma vez, procurar desviar a atenção da comuni-

dade internacional da justa luta do heróico Povo sul-africano pela liberdade e democracia que, dentro das fronteiras da África do Sul, cresce dia para dia e ganha o respeito e admiração de todo o Mundo.

Na mesma perspectiva se inserem as medidas para limitar o trabalho informativo dos correspondentes estrangeiros acreditados na República da África do Sul, na vã tentativa de impedir que a opinião mundial ganhe cada vez mais consciência de que a crise do regime sul-africano e a desestabilização regional têm as suas raízes na política do «apartheid» e não em qualquer forma de ameaça militar externa.

O Ministério da Informação recorda que a maior força militar da região, como é do conhecimento de todo o Mundo, é a da RAS e que só essa força tem tido uma estratégia belicista nas últimas décadas da história da África Austral.

A Luta Continua!

Maputo, 8 de Novembro de 1985